O "BANHO DE CHUVA" de Paulo Nunes* .. Ou pedaços de infância.

"Banho de Chuva".
Autor: Paulo Nunes
Ilustrador: Tadeu Lobato
Editora: Cejup, 1990 - Belém - Pará
Gênero: Coletânea de 20 Poemas.

Maria de Nazaré Cavaleiro de Macedo.**

"Banho de Chuva" apresenta a capa ilustrada com desenhos representativos de duas brincadeiras tipicamente infantis: o jogo da amarelinha (ou "macaca") e a brincadeira de rodas. Acrescente-se, também, o título do livro - **"Banho de Chuva"** - e se pergunta: haverá alguma criança de Belém que nunca tenha gostado de tomar um banho de chuva?

Portanto, logo de início, pode-se antever, facilmente, que a presença da infância se faz marcante nesta obra de Paulo Nunes.

"Banho de chuva"é, antes de mais nada, poesia pura, através da qual o poeta preserva em nós e nele próprio, o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica, basicamente, com a sensibilidade poética, muito mais aguçada na criança que no adulto, uma vez que a poesia, com a essência na imaginação, apela à fantasia, domínio em que a criança se movimenta livremente.

Há poemas em que a presença infantil se faz bem clara, em que se tem a criança agindo, ou a descrição dos efeitos que nela produzem os fatos ou as pessoas apresentadas nos poemas. Como exemplos, citamos:

"O lua": "Chega, chuva, lava a rua
Assim se aconchega da chuva a lua".
("Lua" apelido de um moleque)

"O carvoeiro empreta:
de saudades os cílios do menino"("Carvoeiro")

"... mas a molecada
coroou Fom-fom o motorista do ano"(O louco Fom-fom)

"Seus dedos traçam
fios e jogo
nas lâminas das casas
de toda criança
Roc roc ric ..." ("Seu Chico Amolador")

A infância também se faz presente através dos recursos estilísticos utilizados. Sabe-se que a criança é sensível aos jogos lingüísticos, aos ritmos diferenciados, às cadências e às particularidades sonoras das palavras. Assim, é a criança que aprende melhor o caráter lúdico que a língua toma em certos usos - a palavra pode jogar com ela mesma, completando-se o processo com o ritmo, com a repetição ou com a disposição da palavra no espaço do papel, aproximando-se, dessa maneira, das mais variadas formas visuais de expressão do estático. Por conseguinte, a texto vai se construindo com a permanente associação e harmonia do ritmo, espaço, som e imagem. Esse tipo de estrutura aproxima bastante o poeta paraense com uma das últimas tendências da poesia moderna - o concretismo, como nos exemplos:

"V o a m flocos
de açúcar na
barba do vento"
(Arraial)

"... brincam com o breque
do carrinho do carvoeiro
Rong
Riing
Rong..."
(Carvoeiro)

"Ela é o riso simples
de uma banda de pífaro
Plim
Plim
Plim
Plim
(* Minha Namorada")

Ocorrem também nos poemas muitas "marcas" que evidenciam a linguagem, de tradição oral, e constantes na fala brasileira. Uma linguagem coloquial que, ao lado de expressões consagradas da cultura popular, evidenciam uma poesia de fácil acesso em que a simplicidade se transfigura em expressão poética.

"Diz o povo da aldeia
que a abelha fedelha
não é boa da telha..."
("A Abelha")

- "É a língua dos perguntadores!"
("Carroças")

"O algodão brilha de doce,
e quem comeu arregalou-se"
("Arraial")

"... O menino pouco a pouco
se transforma num vederim de mão
cheia" ("Cascalheiro")

A infância se faz presente não só pelos assuntos escolhidos, mas também porque focaliza a percepção infantil. Na verdade, como dizia J. Reylerme, "a criança não vê nenhum inconveniente em ligar, ao objeto que ela descobre, imagens que na realidade parecem estranhas: vendo um pedaço de madeira, por exemplo, ela pode imaginá-lo com asas, para dele fazer um pássaro...No adulto, a insuficiência da percepção é substituída pelo conhecimento poético; na criança, entretanto, o que substitui a imperfeição do conhecimento é exatamente a imaginação; resultado em um extraordinário surrealismo das imagens". Tal fenômeno é bastante acentuado em "Banho de Chuva", como podemos sentir nos seguintes versos:

"Cavalos-marinhos cavalgam nas telhas
da casa do lua.
Cheiros chiam no aguaceiro da chuva" ("O Lua")

"... Fom-fom se faz de chofer
e pega o volante, rinc, ranc,
mas anda a pé ..." ("O Louco Fom-fom")

"O guarda enfeita o olhar do menino"
("Guarda Noturno")

"O engraxate
Plich Plach
passa nuvem no sapato" ("Engraxate")

"As mãos do vendedor
giram sonhos e plantam
nuvens coloridas" ("Arraial")

Outra marca bem clara da infância em "Banho de Chuva" consiste na valorização da sonoridade que combina, perfeitamente, com as atividades prazeirosas e lúdicas das crianças, que, como ninguém, sabem fazer uso lúdico da sonoridade. Assim, observa-se o uso de imagens a partir de palavras com sons análogos, ou através do eco, da aliteração, da assonância ou da onomatopéia.

"Mancando, corcunda,
lá vem a alegria da velha Raimunda"
("Velhinha do Cheiro")
"... bate e apanha do poste
bate papo com astronautas ... ("Mané Menestrel")

"A Maristela, arrepiada,
pegou o pente e se penteou,
penosa linda, toda arrumada.. "
("Cirandeio no Galinheiro")

"É nessa areia que
meu mar passeia,
de penhoar passei,
no mar, a olhar a sereia" ("Sereia")

"O lambe-lambe
está sempre sorrindo:
Clic, Clic
Cloc Clic ("Lambe/lambe")

"... e a mulher mergulha
as sinas do realejo:

Fim Fiurim Fiiim ..." ("Ciganinha e Realejo")

A presença da prosopopéia, bem marcante, explica-se facilmente, uma vez que é fruto da tendência natural da criança personificar o mundo inanimado. Veja os seguintes versos:

"A mãe do Firmo é uma galinha pretamarela.
A Maristela, arrepiada, pegou o pente e se pentou"
("C. no Galinheiro")

"E os pingos piam
pela praça" ("Chuvisco")

"O apito do guarda-noturno
avisa pra gente
que o sono assina e assanha
o sonho " ("Guarda-noturno")

Paulo Nunes, em "Banho de Chuva", detém-se de tal maneira na paisagem e nos tipos humanos característicos de Belém ainda provinciana, alguns já até desaparecidos, que se pode intuir, em termos de Teoria Literária, "o mito do eterno retorno ", ou seja, uma volta constante às lembranças da infância. Essa Belém antiga, presente em todo o livro, confere-lhe um certo tom de saudosismo. Parece que, voltando ao passado, ele restitui o clima de infância de outra época. Sente-se, inclusive, às vezes, uma certa nuance de lamento pelo desaparecimento desses tipos ou profissões que não resistiram ao processo de verbalização e de modernização de Belém, mas que o autor os guardou em sua mente. Assim, desfilam: o carvoeiro, o leiteiro, o cascalheiro, o lambe-lambe, a velhinha do cheiro, o que atribui ao livro um sabor de festa, de alegria, como se fossem as mesmas que essas pessoas espalhavam pela cidade, a tocar fundo a sensibilidade dos seus moradores, sobretudo, das crianças.

"No passa repassa passa
da Estrada de Nazaré
Fom-fom enfeita de alegria
o olhar da molecada" ("O Louco Fom-fom")

"Seu Antônio empurra um carro
e vende sonho!
- Quer vender garrafa, madame? "Garrafêêê"

"O trinado estridente do menino
Trilha ouros no olhar de violino
Trim Tring Ling Triim." ("Cascalheiro")

"Ah, lambe-lambe,
por que desapareces
daqui devagarinho ?" ("Lambe-lambe")

"Até hoje as carroças derramam
leite na palma da minha mão!" ("Carroças")

Esse registro de sobrevivências culturais, concretizadas graças à evocação de uma Belém provinciana e ao forte apelo dos elementos sensoriais e lúdicos, permitem às crianças vivenciar todo um universo lúdico em extinção e retê-lo na memória, o que aproxima muito o lirismo do poeta com o de Manuel Bandeira.

Para tentarmos ilustrar essa afirmação, vemos que, em ambos, as reminiscências da infância buscam ainda uma cidade com ares ainda bem pitorescos, mas já extirpados pelo avanço tecnológico. Assim, surge uma certa nostalgia na evocação de aspectos cotidianos de décadas passadas. Também há muita semelhança entre Manuel Bandeira e Paulo Nunes quanto ao ritmo poético, que às vezes lembra cantigas de roda, como "Evocação do Recife" em que, à distância, o poeta parece lembrar, novamente, as vozes macias das crianças cantando: " Roseira, dá-me uma rosa Craveiro, dá-me um botão".

"Evocação de Recife" (M. Bandeira)

Recife
Não a Veneza americana
Mas o Recife sem história sem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância
Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas...
E o vencedor das roletas de cana
O de amendoim
que se chamava mudubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca"...

"Trem de Ferro" (M. Bandeira)

"Café com pão
Café com pão
Oô .
Foge bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada"...

"**Meninos Carvoeiros**" (Manuel Bandeira)

"Os burros são magrinhos
E pela boca da noite vem uma
velhinha que recolhe os menininhos.
A madrugada ingênua parece feita para eles
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais
como brincásseis!
- Eh, carvoeiro!"

"**Balõezinhos**" (Manuel Bandeira)

"Na feira-livre do arrabaldezinho
Um homem apregoa balõezinhos de cor.
Em redor dele há um ajuntamento de
menininhos pobres"...

"**Os Sinos**" (Manuel Bandeira)

Sino de Belém,
Sino de Paixão,
Sino do Bonfim,
Sino de Belém bate bem-bem-bem.
Sino de Belém bate bão-bão-bão".

"**Belém do Pará**" (Manuel Bandeira)

" Bembelelém!
Viva Belém,
Belém do Pará onde as avenidas
se chamam Estradas;
Estrada de São Jerônimo,
Estrada de Nazaré".

Assim observa-se, sobretudo pelo ritmo, pela simplicidade, pelo lirismo delicado, ingênuo e saudosista da infância, muitos aspectos comums entre esses dois poetas. Observamos mais: ambos se utilizam de figuras que fazem parte do universo infantil: fadas; bruxos; monstros; tapete voador; gênero; pirata; castelos; sereia; duendes ... Observe alguns exemplos de Paulo Nunes:

"Sempre atenta,
a velhinha sorri:
Cherô do Pará
Cherô cheroso
para tirá o catingoso"!
("Velhinha do Cheiro")

"Me fiz pirata
só para cantar aos sons
da sereia"(Sereia")

"Enquanto a mãe esperava noite-dia,
dia e noite, os duendes inventaram essa cantiga:
Có, có, có có coróc ...
("C. no Galinheiro")

"... joga peixe-jacaré
joga peixe na vazante
caranguejo peixe é"
("C. no Galinheiro")

" - Quer vender garrafa, doutor?
Seu Antônio contava histórias
de bruxas e monstros
e a molecada escutava boquiaberta"
("Garrafêêê")

"No passa-repassa/passa
da Estrada de Nazaré..."
("O Louco Fom-fom")

Paulo Nunes utiliza-se de uma linguagem extremamente sensorial e gostosa, em que a ternura se trai pelos diminutivos; pelo tom de oralidade; pelas

comparações através de elementos alegres, coloridos e naturais, cujo elo comparativo mais usado é a expressão "feito", predominando a ordem direta e o uso acentuado dos substantivos concretos e abstratos ou da adjetivação, que, juntamente, com o Verso Livre e o Verso Branco, o caracterizam dentro do Modernismo.

Exemplos:

"Ah, como anda
a velhinha do cheiro
Corre louca parece formiguinha
("Velhinha do Cheiro")

"Macaquinho-colibri
passarinho gozador..."

"O guarda-noturno; um homem magrinho
com seu bonezinho,
enfeita o olhar,... "
("Guarda-noturno")

"bombinhas são flores de todas as cores".
("O Lua")

"O canto do carvoeiro brilhava no bairro
inteiro".
("Carvoeiro")

"Seu Antônio assovia feito passarinho"
("Garrafêêê")

"As sombras das sombrinhas voam
livres feito andorinhas ..."

Assim, o poeta, retratando a paisagem belenense, com fortes apelos ao sensorial, fazendo do cotidiano poesia pura, mas sendo fiel à realidade, consegue ampliar em humanidade cada personagem ou acontecimento, mantendo um sabor de crônica sobre o meio suburbano e da periferia de Belém, colocando-se mais como narrador, com poucas e sutis expressões do verdadeiro "eu-lírico".

"Leque de alma lava a alma
lado a lado, a alma e a alma
Alma alegre e leve do moleque Lua"
("O Lua")

"O carvoeiro é uma cigarra..."
("Carvoeiro")

"Fom-fom pega o guidom
e tricoteia carros e caminhões
como se voasse num tapete persa".
("O Louco Fom-fom")

"O Guarda-noturno
Guarda o quê?
As flores do sono
virando buquê".
("Guarda Noturno")

"Minha namorada é
flor da janela
Mas ela não sabe que ela é ela
e isso é mais que qualquer carnaval".
("Minha Namorada")

Finalmente, as pessoas e as crianças são sempre focalizadas com tanta ternura, simpatia e simplicidade, que isso não deixa de revelar, talvez, uma certa filosofia otimista de vida - talvez nas crianças e naqueles seres ingênuos inocentes e puros, estejam a melhor parte do mundo.

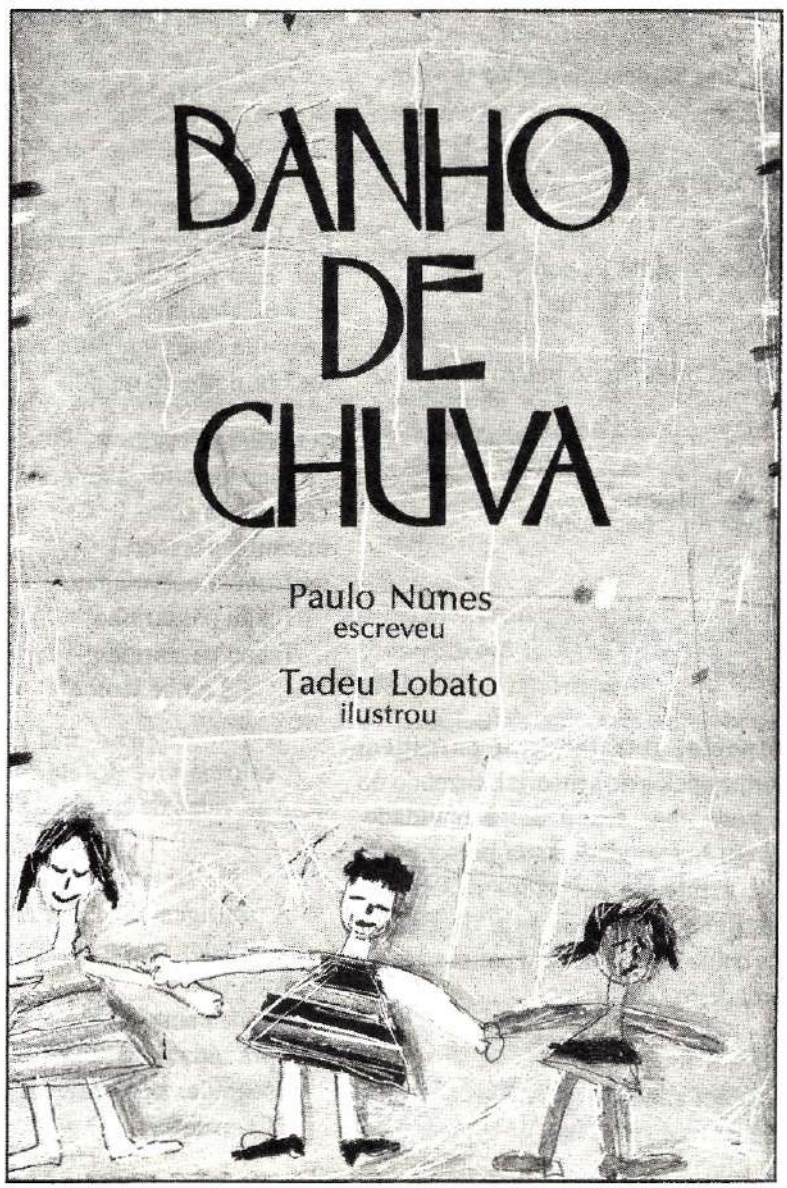
"O velho passante
de chapeuzinho galante,
reclama da sorte:
matam o passado
destruindo nosso ninho
Tchau passarinho!
Tchau passarinho!
("Lambe lambe")

"A calçada vive florida
com as vidas de engraxate".
("Engraxate")

"A passagem do cascalheiro
é a maior sensação
toca vende
vende canta
pra toda molecada
segredos por qualquer tostão
Cascalhêêê..."
("Cascalheiro")

* Professor do Curso de Comunicação Social da UNAMA e Professor de Teoria Literária do Curso de Letras da UNAMA.
Autor de vários livros de poesia.

** Professora de Língua Portuguesa e Membro do Conselho Diretor da UNESPa - entidade mantenedora da UNAMA.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BANDEIRA, Manuel. "Nossos Clássicos"- vol. 100 - R. J. AGIR, 1970.
FARES, Josse. "Apostilas diversas".
GANCHO, Cândida Vilares. "Introdução à Poesia" - S. P. Atual, 1990.
JUNIOR, Alonso. "Jornal da Leitura"- 1993
PÉCORA, Alcyr. "A Leitura na Escola". Porto Alegre - R. S.; Mercado Aberto, 1988.
REYHERME, John. "A Arte da Poesia"- S. P. Cultrix - 1978.
ZILBERMAN, Regina. "A literatura Poética na Escola" - S. P. Global, 1982.